



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

SOBRE AS RELAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADE NA ESCOLA: ALGUMAS REFLEXÕES NO ESTÁGIO SUPERVISIONADO

Universidade Federal do Piauí , Cristiana Barra Teixeira, cristiana_barra@yahoo.com.br

Universidade Federal do Piauí , Maria Dolores dos Santos Vieira, doloresvieiraeduc@hotmail.com

Universidade Federal do Piauí , Antonia Regina dos Santos Abreu Alves, reginaabreu22@hotmail.com

RESUMO

Este abaloamento qualitativo descritivo contempla uma discussão sobre as questões gênero e sexualidade na escola a partir de nossa experiência docente na orientação de alunos/as estagiários/as do curso de Pedagogia da Universidade Federal do Piauí, Campus Senador Helvídio Nunes de Barros, na cidade de Picos. Intencionamos acender reflexões sobre essa temática contribuindo com a formação docente de nossos/as alunos/as, esmerilando olhares sobre condições naturalizadas de opressão, repressão, humilhação, ignorância diante das particularidades que envolvem o debate sobre gênero e sexualidade na escola, valorizando a necessidade de posicionamento político do fazer docente. Matutamos sobre o que entendem e como os/as professores/as lidam com as questões de gênero e sexualidade em sua prática docente? E, nossos/as alunos/as estagiários/as, como entendem e como lidarão com essas questões em sala de aula? Focamos na necessidade de observar e orientar o estágio a partir das demandas infantis sobre sexualidade, gênero, respeito para as descobertas sobre o corpo. Nas raias do estudo pontuamos que nossa prática docente, além de investigativa deve ser emancipadora. Orientar jovens alunos/as graduandos/as de Pedagogia nas atividades essenciais do Estágio Supervisionado na Escola, e educar para a emancipação é o desafio apeteido na construção de um mundo humanizado, sensível e livre. As trilhas para a emancipação atravessam a educação para o respeito às diferenças. Na experiência do estágio, alunas-professoras descobriam o silenciamento de práticas docentes diante das questões de gênero e sexualidade, inquietando-se com as posturas das professoras quando desperdiçam a oportunidade de mostrar às crianças que somos todos seres humanos.

Palavras-chave: Gênero. Sexualidade. Prática docente. Diversidade. Emancipação.

INTRODUÇÃO

Compreendendo que nossa prática docente tem, dentre outras dimensões, um caráter investigativo, privilegiamos em nossas estratégias de operacionalização didática do nosso fazer pedagógico, algumas atividades de pesquisa com propositada intensão de incentivar nossos/as alunos/as a perceberem a própria formação docente como espaço para pesquisa e reflexão. Dessa maneira mapeamos algumas contribuições teóricas que subsidiam essa nossa compreensão e que



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

possibilitam mobilidade para o envolvimento de temas essencialmente sociais, humanos, construtores de valores e necessários ao debate contemporâneo sobre educação na e para a diversidade. Dessa maneira, abraçamos as ideias de autores como: Carvalho e Gil-Pérez (2009), Pimenta e Lima (2009) e Fazenda (2001), Carvalho, Andrade e Menezes (2009), Brasil (1998), Melo (2004), Vieira (2014), dentre outros.

À luz dessas ideias, desenvolvemos um estudo qualitativo descritivo, a partir de nossa experiência docente na orientação de alunos/as estagiários/as do curso de Licenciatura Plena em Pedagogia da Universidade Federal do Piauí, Campus Senador Helvídio Nunes de Barros na cidade de Picos PI. Abordamos algumas questões sobre gênero e sexualidade na escola à partir dos registros e relatos de duas alunas estagiárias descritores de situações inquietantes sobre a prática docente das professoras supervisoras do estágio (professoras da escola campo do estágio) diante da expressão de curiosidades e/ou comportamento de algumas crianças em relação a essa temática.

Nossa expiação é refletir sobre as reações e atitudes das professoras regentes, supervisoras de campo, diante de situações que demandam sensibilidade e observância, além de respeito ao ser, ao querer saber, ao sentir e ao existir. Logo, matutamos: o que entendem e como os/as professores/as lidam com as questões de gênero e sexualidade em sua prática docente? E, nossos/as alunos/as estagiários/as, como entendem e como lidarão com essas questões em sala de aula?

Encaixando essas inquietações, delineamos essa tessitura reflexiva com intuito de contribuir com a formação docente de nossos/as alunos/as esmerilando olhares sobre condições naturalizadas de opressão, repressão, humilhação, ignorância diante das particularidades que envolvem o debate sobre gênero e sexualidade na escola.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O Estágio Supervisionado na Escola proporciona espaço privilegiado para a problematização da instituição escolar, da educação escolar, da formação e construção da identidade docente, num contexto social mais amplo, materializando-se como uma metodologia indispensável aos graduandos de licenciaturas. Nessa perspectiva, percebemos o estágio como pesquisa, e como tal, endossa a ideia de que “a atividade docente é sistemática e científica, na medida em que toma



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

objetivamente (conhecer) o seu objeto (ensinar e aprender) e é intencional, não casuística, e a essência da atividade (prática) do professor é o ensino-aprendizagem”. (PIMENTA, 2001: 83).

Considerando a afirmação pimenteana fica claro a importância do estágio supervisionado como etapa formadora da prática docente, que mesmo sempre inacabada não pode ter em seu sentido inconcluso, a ausência de sentido e planejamento. Assim deve ser exercido com responsabilidade, compromisso e norteada por um olhar que exija a transformação de velhos paradigmas reprodutivista que ainda servem aos objetivos de colonização do ser, do pensar e do agir de homens e mulheres no espaço escolar. Por ser um ato intencional tem que incluir nessa intencionalidade o objetivo de mudança e superação de todas as desigualdades, para que seja o ato de ensinar e aprender, porta fechada para a exclusão.

Nesse sentido, de acordo com Carvalho e Gil-Pérez (2009), Pimenta e Lima (2009) e Fazenda (2001), planejamos a inserção dos/as estagiários/as no cotidiano escolar sob a forma de pesquisa, com vistas à intervenção na realidade da escola, ou seja, o/a estágio realizado/a como uma atitude investigativa. Elegemos a pesquisa como uma estratégia formativa de futuros/as professores/as. A pesquisa, no estágio possibilita que “[...] os estagiários desenvolveram posturas e habilidades de pesquisar a partir das situações de estágio, elaborando projetos que lhes permitam ao mesmo tempo compreender e problematizar as situações que observam” (PIMENTA; LIMA, 2009, p. 46).

A formação de docentes não pode prescindir de uma base crítica sobre a qual construam posturas e ações que possibilitem aos formados/as a des/re/ construção de visões que muitas vezes naturalizam as discriminações e ainda as explicam pelo viés da conformação. A escola não pode continuar servindo a interesses de uma cultura que estereotipa e enfraquece as relações humanas quando as polariza verticalizando o poder, que se não ignora, reduz ao mínimo, ou incapacita o lado considerado inferior. Nessa vertente, propor a experiência do estágio supervisionado como momento de pesquisa interventiva significa não apenas o reconhecimento da situação-problema, mas o agir em favor de sua resolução se não no tempo do estágio, porém como caminho que não mais permita a reprodução dessas.

A partir das reflexões trazidas por Fazenda (2001) acerca da formação de professores, ainda podemos pensar a importância de concebermos o estágio como pesquisa, pois segundo a autora, o/a profissional que não desenvolve a capacidade de investigar questões específicas de sua área de conhecimento ou que não tem a oportunidade de pesquisar-se a si mesmo/a não terá condições de projetar seu próprio trabalho, de avaliar seu próprio desempenho de contribuir para a construção do conhecimento de seus/suas alunos/as. Essa



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

capacidade investigativa envolve a reflexão e a intervenção na vida da escola e não apenas a reflexão como um fim em si mesma.

A capacidade investigativa a partir da reflexão e da intervenção desperta nosso olhar para situações cotidianas que denunciam práticas docentes vazias de sensibilidade e de respeito às diferenças. No contexto escolar, a realização das atividades do estágio constitui-se ação investigativa sobre situações ignoradas, silenciadas, que (re)produzem as desigualdades, são sexistas e preconceituosas. Nesse espaços, inserimos nossos/as alunos/as, professores/as em formação, para conhecer a realidade escolar e identificar demandas para a realização de projetos pedagógicos. Dessa maneira, endossamos que as questões sobre gênero e sexualidade merecem espaço para serem investigadas na prática docente escolar.

Assim, os/as alunos/as encontram espaço para

construir conceitos, habilidades e destrezas necessários ao ensino reflexivo, que os levem a atitudes reflexivas que os tornem capazes de compreender e agir sobre o fenômeno educativo, desenvolvendo saberes profissionais da docência, estruturando e reconhecendo a própria identidade de ser professor. Tal construção identitária é imprescindível às mudanças preconizadas no âmbito da formação de professores. (MANFREDO, 2006, p. 49).

A escola é uma ambiência que favorece a quebra de paradigmas, pois se configura como instrumento de formação em grande escala, haja vista que educa gerações. Cada tempo traz as marcas do seu próprio tempo, entretanto não podemos enquanto educadoras de educadores nos eximir do papel mais importante da formação docente que é sensibilizar as/os novas/os educadores/as para serem agentes da humanização do ensino, aqui compreendida como liberdade para ser e estar no ambiente da escola como ser humano, antes de qualquer outra prerrogativa. Reconhecermos no outro que educamos é sermos possibilidade de desconstrução das indiferenças que sedimentam as exclusões, em particular aquelas que têm as suas raízes na sexualidade e no gênero.

De acordo com Carvalho, Andrade e Menezes (2009), a sexualidade define-se como expressão de desejos e prazeres. Envolve preferências, predisposições e experiências físicas e comportamentais, orientadas a sujeitos do sexo oposto, do mesmo sexo ou de ambos os. Na opinião de Altmann (2001), o tema da sexualidade está na “ordem do dia” da escola. Presente em diversos espaços escolares ultrapassa fronteiras disciplinares e de gênero, permeia conversas entre meninos e meninas e é assunto a ser abordado na sala de aula pelos diferentes especialistas da escola; é tema



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

de capítulos de livros didáticos, bem como de músicas, danças e brincadeiras que animam recreios e festas. (ALTMANN, 2001, p. 575).

A curiosidade e a inquietação das crianças sobre essa temática despertaram o interesse investigativo nas atividades do estágio porque alguns relatos da experiência apontaram que há ocorrência de precocidade da iniciação sexual dos/as alunos/as (Estagiárias “E” e “C”). Aproveitamos esses registros para sugerir uma abordagem reflexiva sobre essas manifestações e sobre a importância da contemplação desse assunto durante a implementação dos seus respectivos projetos de intervenção pedagógicas. Encontramos nos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN’s as orientações necessárias para a inclusão desse debate nas atividades docentes, uma vez que o tema transversal Orientação sexual deve ser trabalhado em todos os ciclos de escolarização.

Da quinta série em diante, os alunos já apresentam condições de canalizar suas dúvidas ou questões sobre sexualidade para um momento especialmente reservado para tal, com um professor disponível. Isso porque, a partir da puberdade, os alunos também já trazem questões mais polêmicas sobre sexualidade e já apresentam necessidade e melhores condições para refletir sobre temáticas como aborto, virgindade, homossexualidade, pornografia, prostituição e outras. (BRASIL, 1998, p. 308)

A nossa proposição didática alcança as relações de gênero e o respeito à diversidade sexual, considerando que a sexualidade humana é uma produção social e histórica. É, portanto, parte indissociável da nossa vida, do nosso corpo e pensamentos, não podemos simplesmente deixá-la do lado de fora da sala, dos nossos planos de aula e da escola. No que diz respeito à questão de Gênero nos debruçamos sobre fatos do cotidiano escolar que demandam uma reflexão mais profunda da temática.

Entre crianças e adultos, as relações de gênero precisam ser desconstruídas, especialmente quando estão alicerçadas em práticas autoritárias que determinam “cores”, “lugares” “atividades” e segregam alunos/as no contexto da sala de aula, da escola, da sociedade. As concepções docentes sobre a relação entre meninos e meninas envolve uma amálgama de difícil extirpação, porém, investir esforços sobre a desconstrução de dogmas da humanidade é o começo de uma caminhada engajada na concretização de uma Educação Sexual Emancipatória.

A escola em sua função social de educar precisa propiciar momentos nos quais ocorra a interação entre os sujeitos/as escolares de forma que as relações entre eles/as possam contribuir para



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

o desenvolvimento do conhecimento de mundo, do outro/a e de valores que dignificam a pessoa humana, especialmente, o respeito à diversidade. (VIEIRA, 2014)

Emancipando meninos e meninas a educação transforma e constrói novas concepções, novas relações, nova sociedade na contramão das relações vigentes, confrontando conceitos, relações e práticas segregadoras, que impossibilitam a convivência em favor da diversidade. Seguimos as pistas de Melo (2004, p.01): “Nestes tempos turbulentos, o tema da educação sexual do Ser corpo humano pleno, cidadão, é até fartamente discutido e anunciado, mas, na maioria das vezes, sem desvelar o fundamental: sempre existe uma educação (ou deseducação) sexual acontecendo nos e entre os seres humanos.”

Não basta refletir sobre essas questões, é urgente que se intervenha nessas realidades, entretanto não será capaz de contribuir com a mudança, aquela/e professor/a que não traga em sua formação a semente desses saberes que ultrapassam o terreno das teorias para caminhar na mesma direção das práticas de um ensino revolucionário. Mudar o curso, incluir novas formas de ensinar requer atitudes pautadas na abertura de caminhos em que os princípios da valoração humana atendem a meninas e meninos sem diferenças ou padronizações.

METODOLOGIA

Almejando propiciar uma abordagem mais relevante e sensível ligada às questões de gênero e sexualidade no meio escolar desenvolvemos este estudo qualitativo descritivo delimitado pelas nossas experiências docentes no contexto da formação de pedagogos/as. Despertamos o interesse por esta abordagem durante a sistematização das atividades planejadas na operacionalização da disciplina Estágio Supervisionado na escola IV, no curso de Pedagogia da Universidade Federal do Piauí, Campus Senador Helvídio Nunes de Barros, na cidade de Picos – PI.

Nesse anseio de busca, escolhemos a pesquisa qualitativa também, por concordar que ela concebe os sujeitos/as abordados/as, copesquisadores/as como seres históricos e culturais que são considerados seres históricos e sociais de qualquer contexto em que criam valores, significados, símbolos e ressignificam todos esses elementos em suas realidades cotidianas, entre si e em contato



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

com agentes externos ao seu meio de vivências, como no caso pesquisadores/as externos/as. (MELUCCI, 2005; CHIZZOTTI, 2010; MINAYO, 2012).

Registramos os depoimentos de duas estudantes sobre a necessidade de envolver questões, discussões e reflexões sobre gênero e sexualidade no planejamento das atividades didáticas pedagógicas a serem desenvolvidas durante a etapa da regência do referido estágio. Em seus relatos, afirmaram que no contexto de suas respectivas experiências iniciais na escola campo do estágio, presenciaram situações conflituosas entre as crianças envolvendo gênero e sexualidade.

Os dois relatos despertaram nossa inquietação sobre as reações e atitudes das professoras regentes, supervisoras de campo, diante das referidas situações o que nos levaram a indagar: o que entendem e como os/as professores/as lidam com as questões de gênero e sexualidade em sua prática docente? E, nossos/as alunos/as estagiários/as, como entendem e como lidarão com essas questões em sala de aula?

Considerando a importância das experiências vivenciadas durante o estágio para a construção da identidade profissional e para o processo formativo de futuros/as professores/as, propomos esta tessitura com o objetivo de refletir sobre como estão sendo abordadas em sala de aula, as relações de gênero e sexualidade infantil, nas escolas da rede pública municipal de Picos PI, levando em consideração, inicialmente, os relatos das alunas estagiárias. Optamos por fazer algumas reflexões sobre esses depoimentos especialmente porque há urgência de orientação didática e pedagógica e também porque podemos inferir algumas considerações sobre essas demandas na prática docente, presente ou futura.

ANÁLISES E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Ajuizando as falas de nossas alunas estagiárias sobre algumas situações inerentes à discussão de gênero e sexualidades na escola, percebemos que, o contexto escolar, real, vivencia situações conflituosas, quando não violentas e que, o trabalho escolar, embebido em sua rotina, permite, muitas vezes, a naturalização de acontecimentos que poderiam ser tomados para o debate e a reflexão sobre o fazer pedagógico, sobre as demandas formativas para contemplar essa discussão e



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

especialmente sobre as necessidades que as crianças afloram de serem percebidas em sua individualidade, na construção de sua identidade.

À luz de Souza e Carvalho (2003) pontuamos que as professoras não apresentam atitudes voltadas para gênero e sexualidade no cotidiano escolar, no fazer pedagógico, verificando nitidamente insegurança e tabus sobre o tema, deixando em algumas ocasiões ausência, por parte das educadoras, de alguns valores e conhecimentos em proporcionar para os/as alunos (as) respostas referentes a algumas indagações em sala de aula quando questionadas sobre o corpo.

A convivência na sala de aula, vai nos revelando quem somos e quem são os/as nossos/as colegas, a presença das alunas estagiárias foi sendo agrupada e aceita no contexto, de modo que as crianças deixaram transparecer mais seus pontos de vista, vão se aproximando espontaneamente e ao mesmo tempo vão transparecendo o posicionamento de parte do grupo, como sujeitos imersos em uma série de papéis sociais, revelando aspectos determinantes das relações tecidas no espaço escolar, muitas vezes, a partir das experiências extra escolares.

A estagiária “E” relatou-nos que a docente supervisora de campo, professora titular da sala, associa a sexualidade às características biológicas que distinguem meninos de meninas, lança mão de conceitos ligados ao senso comum afirmando às crianças que “procurar conhecer sobre esse aspecto é motivo de enxerimento, sem-vergonhice” porque relaciona a sexualidade com a relação sexual.

As questões de gênero, também não ganham espaço na prática docente observada pela nossa estagiária, dada as situações em que há segregação entre meninos e meninas nas atividades coletivas, na organização das filas, no arranjo espacial da sala de aula, de modo geral e principalmente nas divisões de tarefas didáticas. No relato ouvimos que “as meninas gostam mais dessas atividades porque tem mais haver com elas”.

Quando professores/as destacam grupos de meninas e meninos, inculcam na mente infantil que menina brinca com menina, e menino brinca com menino.

Por sua vez, “C” declarou em sua reflexão que na sala de aula onde efetivou suas observações enquanto aluna estagiária a professora titular da sala sempre organiza os grupos de crianças separando meninos de meninas e faz observações insensíveis quando alguma criança questiona esse critério de organização das equipes dizendo: “menina deve fazer atividade no grupo de meninas e



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

meninos devem trabalhar com meninos”. Nesse contexto, nossa estagiária observou uma menina explicando à sua coleguinha que sabia o que os meninos “tinham”. A criança passou o horário da aula interessada em descrever o corpo dos meninos, porém a professora, ao perceber seu comportamento fez uma repreensão perguntando “então, o que os meninos têm? Diga!”. A intenção da professora foi deixar a menina envergonha e encerrar o assunto. Essa atitude colabora com o silenciamento que muitas professoras fazem com as manifestações das crianças.

Essa estagiária relatou que a mesma menina permanecia inquieta, desatenta e vez ou outra tentava chamar a atenção da turma e também da professora. No caderno da criança, o mesmo desenho de corpos nus, riscados, se repetia em várias páginas, porém, a professora desapercebeu-se da expressão implícita da criança em saber mais sobre o corpo. Na exposição das experiências iniciais do estágio supervisionado, ouvimos as declarações de nossas alunas e enunciamos que muitas vezes, na prática docente, perdemos maravilhosas oportunidades de abordamos questões relacionadas a gênero e a sexualidade, em atividades didáticas cotidianas. Diante do comportamento das crianças, as professoras poderiam ter trabalhado de forma intencional esse tema, já que havia certa expressão da criança.

As atitudes de professores/as podem proporcionar novos conhecimentos mediando uma reestruturação de conceitos que as crianças já possuem em mente, ou seja, mediar a construção de novas ideias no desenvolvimento mental, mas principalmente reconhecendo que a criança já construiu conhecimento sobre o assunto. Ser professor/a é saber mediar essa construção, valorizando os conhecimentos prévios e possibilitando desenvolvimento e aprendizagem.

Ao recorrer às estratégias de separação das crianças, conforme o gênero, nas salas de aulas, nas filas das carteiras, nas atividades coletivas, como em diversas outras situações, não promovemos simetria nas relações, pelo contrário, reforçamos (pré)conceitos justificados nas falas das professoras “os meninos são mais impulsivos, empurram na fila e podem machucar as meninas”, “as meninas são mais obedientes”, “meninas apresentam comportamentos semelhantes a dos meninos até nas brincadeiras”. Vimos que no contexto escolar, as práticas educativas vivenciam e reforçam a segregação entre os sexos, reforçando a diferença entre alunos e alunas e aumentando a competição sexista.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Nenhuma segregação pode ser naturalizada, especialmente na escola, na educação de crianças, uma vez que, essa prática violenta e desrespeitosa desprestigia as qualidades e valoriza os defeitos. Quando as docentes se referem meninas, determinam que são tranquilas e organizadas, e quando não são, é porque se parecem com os meninos. Por outro lado, determinam que os meninos são naturalmente bagunceiros e desorganizados. Essas práticas precisam ser transformadas (re)construídas de modo a promover uma formação mais reflexiva, tanto para as crianças quanto para as docentes.

Na orientação de futuros/as professores/as solicitamos exercícios de reflexão que afinem os sentidos de cada um/a. Cobramos que se preocupem em promover uma educação compreenda a diversidade e que possa buscar novas possibilidades para melhorar sua prática docente em sala de aula, que seja sensível, humana e comprometida com a extinção de práticas sexistas e que não corram o risco de transformar as diferenças em desigualdades, seja social, étnicas ou de gênero.

A mudança, idealizada precisa ser promovida, construída a partir da educação na e para a diversidade. Essa caminhada requer subsídios teóricos para alimentar a prática docente. O/a Professor/a precisa assumir sua função política enquanto mediador da formação holística de seres mais humanos e da construção de conhecimento. Na prática escolar, não há espaços para a neutralidade, logo, é necessário decidir, querer, pensar, agir, romper, refletir, e transformar. Nas raias de Freire (2002, p. 115) nos saciamos com a ideia de que “[...] Sou professor (a) a favor da luta constante contra qualquer forma de discriminação.”.

É importante ter conhecimento sobre a sexualidade e relações de gênero para que a nossa visão preconceituosa não deforme o desenvolvimento infantil. A postura do/da educador (a) diante dos acontecimentos em sala de aula relacionados a esses temas é de grande importância, sua posição diante das curiosidades das crianças não deve se resumir a castigos ou se colocar como neutra, pois sabemos que essa posição não existe com clareza, mas deve atender, com curtas explicações, as expressões das crianças.

CONCLUSÕES



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Pontuamos que nossa prática docente, além de investigativa deve ser emancipadora. Orientar jovens alunos/as graduandos/as de Pedagogia nas atividades essenciais do Estágio Supervisionado na Escola, e educar para a emancipação é o desafio apetecido na construção de um mundo mais humano, sensível e livre. As trilhas para a emancipação atravessam a educação para o respeito às diferenças.

O estágio é uma atividade curricular que propicia aos jovens alunos/as reflexões sobre o processo formativo e de construção da identidade docente, e, é ao mesmo tempo, espaço de pesquisa. Realizar o estágio como prática investigativa da ação docente permite aos alunos-professores/as vivenciarem a realidade escolar, refletindo sobre as ações da prática docente. O exercício de reflexão aguça os sentidos de quem está descobrindo espaços e relações.

Na experiência do estágio, alunas-professoras descobriam o silenciamento de práticas docentes diante das questões de gênero e sexualidade e inquietaram-se com as posturas das professoras quando desperdiçam a oportunidade de mostrar às crianças que somos todos seres humanos, e que diferenças sempre existirão, mas é a maneira como as tratamos é o que nos diferenciam de nossos ancestrais, desde os primitivos homens de neandertal até os atuais metrosssexuais, e que é na mudança de comportamento que acontece a verdadeira transformação.

Só é possível negar às crianças o direito a diversidade quando permitimos que nossa prática docente seja inóspita, fria, insensível. Não são as dificuldades materiais que impossibilitam a educação emancipadora, são as incapacidades fraternas que anulam vidas e favorecem a violência, nas pequenas coisas, nas palavras, nas censuras, na uniformização dos comportamentos em detrimento da liberdade de ser e de viver.

Diante dessas conclusões, sugerimos que as relações de gênero e o trato com a sexualidade deixem de ocupar um lugar apenas nos temas transversais, mais sejam incluídos no currículo vivo e visível da escola. Somente assim, as discussões pertinentes a essas temáticas serão conteúdos escolares, portanto de vida de meninas e meninos. Todas essas considerações nos fazem compreender a necessidade de práticas mais humanas que sejam emanadas das civilidades, de percepções desprovidas de quaisquer ranços identitários que possam ser fonte de preconceitos e exclusões de qualquer natureza.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Referências

ALTMANN, H. **Orientação sexual nos parâmetros curriculares nacionais**. Estudos Feministas, ano 9, n. 2, p. 575-585, 2001.

BRASIL, MEC/SEF. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Terceiro e quarto ciclos do Ensino Fundamental: Temas transversais. Brasília, 1998.

CARVALHO, A. M. P. de; GIL-PÉREZ, D. **Formação de professores: tendências e inovações**. São Paulo: Cortez, 2009.

CARVALHO, M. E.; ANDRADE, F.; MENEZES, C. (orgs.). **Equidade de gênero e diversidade sexual na escola: por uma prática pedagógica inclusiva**. João Pessoa: Universitária/UFPB, 2009.
CHIZOTTI, Antonio. **Pesquisa Qualitativa em ciências humanas e sociais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

FAZENDA, I. C. A. O papel do estágio nos cursos de formação de professores. In: PICONEZ, S. B. (coord.). **A prática de ensino e o estágio supervisionado**. Campinas: Papyrus, 2001. p. 53-62.

MANFREDO, E. C. G. **Metodologia de projetos e formação de professores: uma experiência significativa na prática de ensino de ciências naturais**. Experiência em ensino de ciências, v.1 (3), pp. 45-57, 2006.

MELO, S. M. M. de. **“Se O Meu Corpo Não For Meu, De Quem Será?”** Desvelando Relações Essenciais entre Educação, Sexualidade, Paradigmas de Corporeidade e Formação de Professoras. Curitiba: Editora Champagant. V ANPED Sul, 2004.

MELUCCI, Aberto. **Por uma Sociologia Reflexiva: Pesquisa Qualitativa e Cultura**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2005.

MINAYO, Maria Cecília de Sousa. **Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade**. 32ª ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

PICONEZ, S. C. B. A prática de ensino e o estágio supervisionado: a aproximação da realidade escolar e a prática da reflexão. In: PICONEZ, S. B. (coord.). **A prática de ensino e o estágio supervisionado**. Campinas: Papyrus, 2001. p. 15-38.

PIMENTA, S. G.; LIMA, M. S. L. **Estágio e docência**. São Paulo: Cortez, 2009.

PIMENTA, Selma Garrido. **O estágio na formação de professores: unidade teoria e prática?** São Paulo: Cortez, 2001.

SOUZA, Valquíria Alencar de; e CARVALHO, Maria Eulina de. **Por uma educação escolar não-sexista**. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2003



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

VIEIRA, M. Dolores dos Santos. **Os acordes das relações de gênero entre integrantes da Orquestra Jovem da Escola Padre Luis de Castro Brasileiro em União – Piauí (2010-2012)**, 187f. Dissertação (Mestrado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação, Centro de Ciências da Educação, Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2014.